

23 NOV 1989

JORNAL DO BRASIL

Ricardo Noblat

Onde se leu, leia-se

O ex-governador Leonel Brizola está convencido de que somente o senador Mário Covas (PSDB—SP), a essa altura, seria capaz de derrotar o candidato Collor de Mello no segundo turno da eleição. “A disputa parelha entre mim e Lula nos enfraqueceu”, observou Brizola. “Covas não tem incompatibilidades com ninguém e poderia ganhar votos dos dois lados.” Ele tem esperança de que Lula encare a proposta com realismo. Certo?



Errado. Brizola tem certeza de que Lula, sequer, admitirá examinar a proposta — que acima de tudo é absurda. O candidato do PT recebeu do eleitor um mandato imperativo. Está obrigado a disputar o segundo turno e a tentar vencer Collor de Mello. Se estivesse ele, Brizola, na situação de Lula, cometeria o gesto da renúncia, para desespero e frustração dos milhões de eleitores que votaram nele? A resposta óbvia é não.

Que pretende Brizola, então, com a proposta oferecida? Ele quer dar uma estocada em Lula e no PT e enfraquecê-los mais um pouco no momento da construção do palanque do segundo turno. Brizola está à espera de Lula para firmar a aliança de ocasião que os reunirá no mesmo palanque. Com a solitária exibição de força eleitoral que deu, sem ajuda de partido, que não existe, nem de Igreja, que não tem, não quer aderir de graça a Lula.

Não quer e não pode, sob pena de seus eleitores não o compreenderem. Por isso sugeriu o impensável — a troca de Lula por Covas, que, por sua vez, não aceitaria a troca. “Esse gaúcho é muito sestroso”, comentou o deputado Ulysses Guimarães quando foi informado sobre o que Brizola propusera. O líder do PDT apoiará Lula, como já disse e repetiu tantas vezes. Não lhe restará outra alternativa.

Para o PMDB, a melhor alternativa seria a de não decidir, por enquanto, a quem apoiar no segundo turno, imagina o governador Orestes Quêrcia, de São Paulo. Os governadores Newton Cardoso, de Minas Gerais, Nilo Coelho, da Bahia, e Geraldo Melo, do

Rio Grande do Norte, pensam a mesma coisa. Eles reclamaram da decisão da Executiva do partido de apoiar Lula desde já. Acusaram a Executiva de não representar o pensamento do PMDB.

Querem dar um pouco mais de tempo ao tempo para impedir que o partido incorra em mais um erro. Certo? Errado. Quêrcia e os demais governadores não estão tão preocupados assim com um erro a mais ou a menos que o partido possa estar cometendo. Estão preocupados com eles mesmos — e como cada um ficará, se o comando do PMDB escolher esse ou aquele candidato, no caso, escolher Lula, como já escolheu.

Quêrcia foi o fiador da candidatura de Ulysses. Abandonou-a às vésperas do primeiro turno e mandou descarregar votos em Brizola. Chegou a telefonar para alguns empresários paulistas pedindo dinheiro para ajudar Brizola nos últimos dias de campanha. Não quer e não pode apoiar Lula, um líder que nasceu e que se afirmou no quintal do PMDB paulista. Já criticou Collor, duramente, algumas vezes, chamando-o de desequilibrado.

Deve reunir-se com Collor qualquer dia desses. Ainda não sabe o que fazer — e, porque não sabe, quer que o comando do PMDB não faça nada. O governador de Minas apoiou Ulysses, Collor e Guilherme Afif Domingos no primeiro turno — e ainda deu alguns votos a Brizola. Não contou com a hipótese de Lula passar para o segundo turno. A afinidade dele é com Collor, agora — mas Collor, em Minas, é Itamar Franco, que é contra o governador.

Quer fingir que ficará independente quando não ficará. Essa vocação ele não tem, nunca teve. O caminho natural do governador do Rio Grande do Norte seria o de apoiar Collor, a quem já quis apoiar no primeiro turno. Ocorre que Collor, no estado dele, é apoiado por uma fatia da família Maia, adversária do governador. A outra fatia apoiou Brizola. O governador, portanto, não sabe ainda o que fazer. Collor sabe.

Por isso, recusa o apoio explícito que lhe deu a poderosa Federação das Indústrias de São Paulo. Ele não quer nada com empresários. Certo? Errado. Quer tudo — apoio, recursos para a campanha, pressão sobre os veículos de comunicação, tudo o que possam fazer. Mas Collor quer discrição no apoio dado e aceito. Senão, vai acabar com a imagem de candidato das classes dominantes. E o candidato dessas classes é Lula. Não é?